

APRENDIZAGEM, ALFABETIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

Fernanda Siqueira Costa Gomes

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia/MG
fernandasc-1@hotmail.com

Maria Irene Miranda

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia/MG
mirenemufu@gmail.com.br

Resumo

O presente trabalho resulta do recorte de um estudo em desenvolvimento, o qual visa investigar a aprendizagem da leitura e da escrita de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) conforme a abordagem Psicopedagógica. Nessa perspectiva, busca identificar os fatores facilitadores e/ou dificultadores em relação ao processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa consiste em um estudo de natureza qualitativa realizada em duas instituições escolares da rede pública municipal da cidade de Uberlândia. Para a construção dos dados participam: professores da sala regular e do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e o analista pedagógico. Como instrumentos de coleta de dados: grupo focal, entrevista semiestruturada e análise documental. As inferências preliminares apontam que é importante compreender como o aluno autista se relaciona com o conhecimento para superação das dificuldades e despreparo teórico-metodológico mediante à alfabetização. Ademais, os apontamentos ressaltam a relevância do dialogar e refletir sobre a implementação de alternativas, caminhos de inclusão e revisão das práticas pedagógicas na intenção de promover o sucesso e eliminar a exclusão escolar e social.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Transtorno do Espectro Autista; Leitura e escrita.

Eixo Temático 2: Práticas pedagógicas e Psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana.

INTRODUÇÃO – ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA DO AUTISMO

O presente estudo busca compreender como a criança com TEA aprende a ler e a escrever, como interage com o objeto de conhecimento a partir das relações e demandas do cotidiano escolar. Para tanto se respalda na perspectiva psicopedagógica, cujo objeto de estudo fundamenta-se “em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos, bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento” (KIGUEL, 1991, p.24).

A ação psicopedagógica prioriza o papel ativo do aprendiz na construção do conhecimento, portanto, possibilita investigar como o mesmo utiliza suas capacidades no processo de aprendizagem; assim, pode contribuir com o trabalho pedagógico dos educadores e favorecer a revisão das práticas educacionais. Dessa maneira, respalda reflexões e buscas inerentes ao saber-fazer diante dos desafios e possibilidades da alfabetização dos alunos autistas.

Neves (1991) reitera que o embasamento psicopedagógico está no “ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades internas e externas da aprendizagem, tomadas em conjunto” (NEVES, 1991, p. 24).

Ademais, a Psicopedagogia propicia uma visão multidimensional do ensinar e aprender articulando as dimensões orgânicas, cognitivas, afetivas, socioculturais e pedagógicas. À vista disso, considera-se, portanto, que:

A psicopedagogia é um campo de atuação em Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos. (Associação Brasileira de Psicopedagogia - ABPp, 2011).

Os princípios psicopedagógicos contribuem para compreensão do aprender e dos possíveis problemas que podem decorrer desse processo, tanto para aprendentes como para ensinantes.

Tendo em vista o referencial teórico psicopedagógico e as experiências profissionais no âmbito escolar, é possível levantar alguns questionamentos relacionados a escolarização, aprendizagem e alfabetização dos alunos com TEA.

O fato de uma criança autista estar matriculada no ensino regular acarreta angústias e hesitações nos professores por desconhecerem como esse aluno aprende e, conseqüentemente, como tecerem ações convenientes para ensiná-lo. Dessarte, observa-se certa resistência e dificuldades dos educadores em rever suas práticas pedagógicas

para ajustá-las ao ambiente heterogêneo da sala de aula, que carece de um trabalho diversificado para garantir não apenas o acesso, mas, sobretudo, o direito à formação humana integral.

O espaço escolar precisa dispor de recursos pedagógicos que promovam a aprendizagem, inclusive dos estudantes com TEA, conforme suas demandas cognitivas, afetivas, sensoriais e físicas. Infelizmente a realidade revela que os alunos autistas pouco participam das atividades da escola, as interações com os pares são escassas e a aprendizagem de conteúdos pedagógicos fica abaixo da média.

Sendo assim, faz-se importante compreender criticamente como aprende uma criança com autismo, considerando os aspectos relacionados à alfabetização.

Em relação ao autismo Mello discorre que:

É um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação. (MELLO, 2007, p.16)

Logo, é um transtorno do neurodesenvolvimento, que “compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas” (CUNHA, 2012, p.20). Além disso, alterações intelectuais podem ser frequentes em alguns indivíduos com TEA, podendo haver diferenças em relação aos sintomas e o desenvolvimento de cada pessoa.

Sabe-se que esses estudantes possuem características peculiares que interferem no desenvolvimento e provocam prejuízos na linguagem, nos comportamentos e nas relações interpessoais, que podem acarretar dificuldades no processo de aprendizagem. Entretanto, entende-se que a escolarização é possível por meio de alternativas e mediações pedagógicas condizentes às especificidades do aprendente.

No espaço escolar a criança com TEA tem oportunidades para se desenvolver, por isso é de suma importância a sua presença na sala regular. Segundo Nunes e Araújo (2014), a participação das crianças nos contextos sociais propicia trocas com o outro e o meio, ampliando as suas habilidades interativas.

Dessa forma, a escola é o lugar aonde o aluno vai para adquirir conhecimento estruturado e sistematizado. Consoante a Camargo e Bosa (2009), a instituição escolar é um ambiente privilegiado se for observada como espaço de aprendizagem e convivência

para todas as crianças. No entanto, não basta o acesso à escola, mas ter as condições para a aquisição do conhecimento em todas as áreas e níveis de ensino.

O acesso ao conhecimento é um direito para que o aluno se desenvolva de modo formativo e integral, porém essa é uma questão que ainda necessita de algumas reflexões, mudanças de atitudes e de conceitos por parte de todos os envolvidos no processo educacional.

No rol dos desafios da escolarização, discute-se sobre o processo de aprendizagem de crianças com autismo quando matriculadas na sala regular. De acordo com o Decreto nº 8.368 de 2014:

É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo, garantida a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior. (BRASIL, 2014).

A escolarização do educando com TEA, consoante à legislação, se inicia no âmbito da educação infantil, na qual se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global. Nessa etapa, as possibilidades intelectuais se constroem progressivamente por meio das relações contínuas entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

A participação desse alunado no ambiente escolar ainda é desafiadora, uma vez que estar matriculado não significa estar inserido no processo de ensino e aprendizagem. Em vista disso, um ambiente escolar não deve se restringir a oferta de matrículas na classe comum, mas em oferecer práticas interventivas pertinentes. Cunha (2012) pontua que o “aluno não pode mais ser excluído da construção da sua aprendizagem, pois aprende nas suas trocas no mundo afetivo e social, ao mesmo tempo em que se torna o seu principal interlocutor na aquisição do conhecimento” (CUNHA, 2012, p.11).

Assim sendo, “à escola cabe suprir as experiências que permitam ao aluno educar-se, num processo ativo de construção e reconstrução do objeto, numa interação entre estruturas cognitivas do indivíduo e estruturas do ambiente” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2001, p. 58).

O processo de escolarização de uma criança com TEA exige experiências transformadoras que vão além de padrões e condutas arraigadas da educação. Em relação a isso, Sousa (2015) pondera que:

[...] é um assunto delicado porque requer particularidades que muitas escolas ainda não se mostram preparadas para oferecer. Especialmente no início da escolarização esses alunos demandam um suporte individualizado, a fim de que tenham a oportunidade de ter ampliado o seu potencial. (SOUSA, 2015, p.24).

No entanto, a escolarização do aluno com TEA abarca novas configurações no espaço educacional, assim como no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Nesse viés, as possibilidades de ensino devem ser (re)pensadas para atender aos educandos; que em virtude de suas características e necessidades, demandam estratégias que contemplem todas as suas particularidades.

A partir da escolarização dos alunos com TEA muito se questiona acerca da aprendizagem da leitura e da escrita, posto que os saberes e as práticas de alfabetização compreendidas no âmbito escolar não vão ao encontro com as possibilidades do aprendente. Quando as ações se restringem a procedimentos descontextualizados das necessidades dos educandos não possibilitam interpretar o objeto de conhecimento e atribuir-lhe significados.

Para os alunos autistas as práticas de leitura e escrita são fundamentais para consolidar as relações interpessoais e interagir socialmente de modo a compreender a realidade social, minimizando, desse modo, as dificuldades trazidas pelo espectro. Portanto, é uma forma de desenvolver a sua comunicação, característica peculiar que envolve o transtorno.

Alfabetizar é um processo de inserção do aprendente no mundo letrado, o que abrange escolhas apropriadas para embasar a aprendizagem. Por assim ser, “[...] o ensino referencia-se nas práticas sociais de leitura e escrita, as quais podem transformar a relação das pessoas com o conhecimento (MIRANDA, 2009, p. 173).

A alfabetização de alunos com TEA pode se efetivar gradativamente por meio de metodologias e instrumentos pedagógicos que atendam às características do espectro. “Todas as crianças têm potencial para aprender a ler e escrever, pois a leitura e a escrita não são conteúdos inacessíveis a alguns, muito embora certos indivíduos possam apresentar patologias que dificultam, isso não os impede o acesso ao código linguístico. (MIRANDA, 2009, p. 173)

Diante disso, evidencia-se que a base para a alfabetização vai além dos métodos e materiais didáticos, é preciso repensar o sujeito como sendo “[...] alguém que pensa, constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu” (FERREIRO, 2011, p. 41).

A aprendizagem, portanto, deve ser organizada para criar situações favoráveis a aquisição da leitura e da escrita, dentro de um contexto significativo em que a alfabetização não configure apenas aquisição de um código linguístico, mas sim uma construção sobre a qual os outros conhecimentos serão constituídos.

As possibilidades de aprendizagem transcendem as especificidades e se consolidam por meio das necessidades, interesses e capacidades que esse aluno já possui. Nessa intenção, compreender e conhecer como o estudante autista aprende é significativo para o processo de elaboração de estratégias, recursos e práticas que possibilitem suas conquistas; com isso, planejar a ação conforme o perfil de aprendizagem de cada criança. Em virtude da variedade de características que envolvem o espectro, a aquisição do conhecimento engloba diferentes caminhos e procedimentos mediante as capacidades que cada aprendente possui.

Castro (2009) pondera que:

[...] a Educação contemporânea prima pela diversidade humana, propondo o redirecionamento dos valores profissionais, contemplados por meio de uma prática pedagógica diferenciada ao privilegiar as subjetividades da criança com necessidades educacionais especiais. (CASTRO, 2009, p. 65)

Nessa vertente, a Psicopedagogia discorda de metodologias e procedimentos que tendem a homogeneizar o ensino conforme padrões de normalidade estipulados socialmente. Para tanto, o enfoque psicopedagógico possibilita, no âmbito educacional, superar os rótulos relacionados aos alunos com TEA, já que não os classifica como incapazes de aprender. Assim, o direito ao conhecimento acadêmico é assegurado.

Portanto, faz-se necessário que para a realização do processo de ensino e aprendizagem o aluno seja visto como protagonista, pois a construção do seu conhecimento planifica-se por meio da participação ativa. Por isso, as tentativas de adaptar os conteúdos, planejar o currículo, organizar as estratégias e recursos são consoantes às características dos estudantes. Dessa maneira, por meio da interação entre o sujeito e os objetos de conhecimento se estabelece o papel ativo do aprendente, que não é um mero receptor na construção da aprendizagem.

Após sintetizar a abordagem psicopedagógica do autismo, é relevante esclarecer quanto ao procedimento metodológico para realização do estudo.

O PERCURSO METODOLÓGICO

A partir dos questionamentos acerca do objeto de pesquisa: “A alfabetização do aluno com autismo”, o estudo está sendo realizado em duas escolas de ensino fundamental da rede municipal de Uberlândia, as quais oferecem elementos para compreensão do processo de alfabetização dos autistas, de acordo com a realidade de cada instituição. Outro aspecto que esclarece a escolha do campo é a verificação de matrículas de crianças com laudo de TEA na classe comum e a predisposição das escolas em participar da construção de dados desse estudo.

Para responder ao objetivo de entender o processo de aquisição da leitura e da escrita da criança autista, o campo de análise será as turmas do 1º e 2º ano do ensino fundamental I, período em que o trabalho com a alfabetização é intensificado, pois no 3º ano a criança já está imersa em experiências escolares de leitura e escrita e o processo continua com foco em aprofundar e sistematizar os conteúdos.

Uma vez em campo, o pesquisador poderá desvelar os vários olhares e elementos significativos, ao mesmo tempo, apreender a multiplicidade e a especificidade de como a escola trabalha com esse público, no propósito de identificar os fatores facilitadores e/ou dificultadores inerentes ao objeto de estudo reportado.

Nesse sentido, “a escola é também um importante mediador entre o sujeito e o mundo social, pois favorece o acesso ao conhecimento e contribui, de forma significativa, para a inserção do sujeito na sociedade” (MIRANDA, 2009, p. 41). Ademais, no espaço escolar que acontecem as relações de aprendizagens e as manifestações inerentes aos problemas da leitura e da escrita.

Na intenção de entender melhor como ocorre o processo de aquisição da leitura e da escrita de alunos com TEA, os participantes são: professores do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I da sala regular, professores do AEE e o analista pedagógico que atua com essas turmas. As técnicas para a construção dos dados serão a Entrevista Semiestruturada, a Análise Documental e o Grupo Focal. É importante destacar que os instrumentos utilizados para a realização desse trabalho foram articulados e combinados entre si conforme os princípios de um estudo qualitativo, dado que: “o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente” (TRIVIÑOS, 1987, p.137).

Para análise, os dados serão triangulados buscando lançar luz sobre os questionamentos que envolvem a alfabetização da criança autista. Considerando que o

estudo está em desenvolvimento, os resultados consistem de análises parciais e hipotéticas.

INFERÊNCIAS PRELIMINARES

As respostas elucidadas à problemática e aos objetivos inerentes à pesquisa constituir-se-ão em entendimento de como o aluno autista se relaciona com o conhecimento e quais as possibilidades e/ou limites evidenciados na alfabetização, no intuito de fomentar ações pedagógicas pertinentes e consolidá-las na mediação do aprendente autista com os saberes da leitura e escrita.

Os apontamentos preliminares ressaltam a relevância do dialogar e refletir sobre a implementação de alternativas, caminhos de inclusão e revisão das práticas pedagógicas na intenção de promover o sucesso e eliminar a exclusão escolar e social.

A pesquisa está em andamento e posteriormente explicitará os desafios e as possibilidades da aprendizagem, alfabetização e escolarização dos alunos com TEA.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Código de Ética do Psicopedagogo**. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAMARGO, S.P.H.; BOSA, C.A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade, Florianópolis, v.21, n.1, p.65-74, 2009.

CASTRO, R. C. M. de. A formação de professores. In: FACION, J. R. **Inclusão escolar e suas implicações**. 2. ed. Curitiba: Ibopec, 2009. p. 43-78.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. 26.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KIGUEL, S. M. Normalidade x patologia no processo de aprendizagem: abordagem Psicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo: ABPp, v. 10, nº 21. 1991.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Organização e gestão na escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MELLO, A.M. S. Ros de. **Autismo: guia prático**. 2.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MIRANDA, M. I. **Problema de aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MIRANDA, M. I. **Psicopedagogia: Trajetórias e Perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

NEVES, M. A. Psicopedagogia: um só termo e muitas significações. In: **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, v. 10, n.21, 1991.

SOUSA, A.C.M.H. **A interação professor, aluno autista em classe inclusiva: o rompimento de paradigmas**. 2015. disponível em: <http://bdm.unb.br>. Acesso em: 23 março 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.